

Mensagem 3

O Senhor dos invisíveis

Alguma vez já passou por um local cheio de gente, onde parecia que ninguém se apercebia da sua presença? Por exemplo, ao atravessar uma praça movimentada de uma cidade desconhecida, ao circular numa estação de comboio em hora de ponta ou ao deslocar-se de um terminal para outro num grande aeroporto! Qual foi a sensação? Nos dias que vivemos “muitos correm de uma parte para a outra” (Dan. 12:4) e com frequência estamos rodeados por multidões sem que ninguém nos dirija uma palavra ou sequer olhe para nós.

Lembro-me do primeiro dia em que comecei a trabalhar na ADRA. Cheguei a Angola, um jovem com 23 anos, num momento em que o país atravessava um momento de guerra civil com muitas pessoas que tinham de fugir das suas terras, das suas casas, e deslocar-se para campos de deslocados, onde pudessem viver em segurança, apesar das más condições existentes. No dia em que cheguei fui visitar alguns desses campos a cerca de 20 quilómetros de Luanda. Tínhamos de viajar por uma estrada movimentada. Apenas tinha uma faixa para cada lado, mas os carros deslocavam-se constantemente numa e noutra direção. Havia vários cruzamentos com viaturas a entrar e a sair dessa estrada principal. O que mais impressionava era a quantidade de gente que circulava a pé pelas bermas e, frequentemente, atravessava para o outro lado, sempre colocando a sua vida em risco. Na nossa viagem deparámo-nos com algo que nunca esquecerei. Uma mulher jazia morta no meio da estrada, provavelmente vítima de atropelamento e os carros passavam ininterruptamente ao lado do corpo, sem que ninguém parasse. Também nas bermas, as pessoas circulavam, indiferentes ao corpo que ali estava abandonado. Visitámos o campo, onde estivemos cerca de duas horas, e regressámos à cidade. Por impressionante que possa parecer, o corpo ainda se encontrava no mesmo local, com carros e pessoas a circular, tendo apenas um pequeno lençol por cima, que o tapava. Naquele dia, vi muitas coisas diferentes do que estava habituado, vi muitas pessoas que viviam na mais abjeta pobreza, mas o que me ficou na memória foi a indiferença de todas as pessoas que passavam por um corpo morto, no meio de uma estrada movimentada. Ali estava aquela mulher morta, um corpo sem vida, totalmente ignorado, invisível!

Nesta sociedade egocêntrica e individualista em que vivemos, na qual as pessoas comunicam mais de modo virtual ou através dos seus smartphones e outros gadgets do que olhos nos olhos, é muito frequente tornarmo-nos invisíveis no meio da multidão.

Quando Jesus exerceu o Seu ministério neste mundo, era frequentemente seguido por multidões que procuravam ouvir as Suas palavras de sabedoria. Certo dia, quando Se deslocava para acudir à filha de Jairo (um dos principais da sinagoga), que jazia no leito da morte, a multidão era tanta que o comprimia. Esta não era uma multidão diferente das multidões de hoje. Cada indivíduo tinha uma história, uma vida, uma razão para estar perto de Jesus. E Ele é a melhor razão para reunir uma multidão. Mas esta turba de gente que o seguia também estava cheia de pessoas invisíveis. Muitos ignoravam o seu próximo e procediam de acordo com as suas pretensões, não dando atenção ao que os rodeava. No meio da multidão, Jesus levanta a voz, com uma pergunta absolutamente inusitada: “Quem tocou nas minhas vestes?” (Mar. 5:30.) Pergunta estranha, esta. Estava a ser apertado pela multidão e ainda assim perguntou quem Lhe tinha tocado nas vestes. É exatamente esta estranheza que os discípulos verbalizam: “Vês que a multidão te aperta, e dizes: ‘Quem me tocou?’” (Mar. 5:31.) Na realidade, aquele era um toque especial. Um toque de fé, que não se vê. Um toque de alguém invisível. A mulher, de quem nem sabemos o nome, tão invisível era, foi curada imediatamente da sua hemorragia crónica, mesmo antes de Jesus perguntar quem Lhe havia tocado. De repente, e diante de toda aquela gente, a mulher assumiu a sua fé e a sua necessidade de tocar Jesus. Acabou a invisibilidade. Para Jesus, o Deus incarnado, não há invisíveis!

Na verdade, logo no início do Seu ministério, quando Jesus abriu o livro do profeta Isaías diante da Sua sinagoga, em Nazaré, apresentou claramente a Sua missão como Senhor dos invisíveis: “O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me a curar os quebrantados do coração, a apregoar liberdade aos cativos, a dar vista aos cegos, a pôr em liberdade os oprimidos, a anunciar o ano aceitável do Senhor” (Luc. 4:18 e 19). Ao apresentar esta profecia messiânica proveniente de Isaías 61, Jesus poderia ter optado por qualquer outro aspeto da Sua messianidade. Poderia ter referido os Seus ensinamentos que serviriam de pão da vida para as nações, poderia ter referido o Seu poder para aclamar tempestades, ressuscitar mortos ou limpar o templo, poderia mesmo apresen-

tar a Sua missão de vir morrer pela Humanidade caída para a salvar. Mas não, preferiu apresentar a Sua missão como sendo a de Quem vinha socorrer os aflitos, curar os enfermos, trazer justiça aos injustiçados, promover a liberdade no meio dos grilhões e trazer esperança onde esta não existia. Jesus mostrou que a Sua missão era ser o Senhor dos invisíveis.

Aqueles que a sociedade marginalizava, como os leprosos escorraçados das suas terras, os que viviam, sem esperança, da caridade, em particular os cegos ou os coxos, aqueles que eram perseguidos ou acusados, como os publicanos ou as prostitutas. Todos recebiam a atenção deste Rabi, supremo mestre que simbioticamente harmonizava a Sua prática com os Seus sábios ensinamentos.

Este mesmo Jesus, supremo exemplo para cada um de nós, ao pregar o Seu Sermão profético, depois de apresentar os sinais do tempo do fim e a necessidade de vigilância, revelou, através de uma parábola, as características dos salvos que virá buscar. Curiosamente, a distinção entre salvos e perdidos não é apresentada como estando ligada a questões doutrinárias, de comportamento ou de erudição, mas ao facto de olhar a necessidade do outro, resultante de uma transformação que vem do Alto. “Então, dirá o rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me” (Mateus 25:34-36). É interessante verificar a surpresa dos salvos e dos perdidos perante os resultados da seleção. Esta surpresa advém do facto de esta preocupação com a necessidade do outro ser o resultado espontâneo de uma vida de santidade.

Esta é uma parábola escatológica. Está incluída na narração referente aos últimos dias. Por essa razão, acreditamos que hoje se aplica de forma especial a cada um de nós. O que o Senhor Jesus nos pede é que possamos ser o povo que está atento aos invisíveis. Que possamos agir como Ele agiu numa atitude de compaixão e amor desinteressado pela Humanidade. Ellen White instrui-nos: “A indiferença pelos ais da Humanidade deve ceder lugar ao interesse vivo nos sofrimentos alheios. As viúvas, os órfãos, os enfermos e os que estão a perecer necessitam sempre de ajuda” (Beneficência Social, p. 26).

Somos chamados a ser imitadores de Cristo e, como tal, a não passarmos por este mundo indiferentes aos que nos rodeiam, mas com um olhar atento que possa ver a necessidade daquele que está à nossa volta. Como Igreja e como crentes, temos a responsabilidade de contrariar a tendência egoísta da Humanidade e revelar um interesse genuíno e sincero pelas necessidades “destes meus pequeninos irmãos” (Mat. 25:40). Estes que passam pelas multidões como invisíveis precisam de nós, os “benditos de meu Pai”.

JOÃO MARTINS

DIRETOR EXECUTIVO DA ADRA EUROPA E ADRA PORTUGAL

Refletir e Partilhar

1. Que tipo de invisíveis encontra ao seu redor?
2. Já alguma vez se sentiu invisível?
3. Como pode ajudar concretamente os invisíveis da sua sociedade?

